

ALHEIAS E NOSSAS, AS PALAVRAS VOAM...

BELONGING TO OTHERS AND TO US, WORDS CAN FLY...

AJENAS Y PROPIAS, LAS PALABRAS VUELAN...

RAMOS, Flávia Brocchetto

ramos.fb@gmail.com

UCS - Universidade de Caxias do Sul

<http://orcid.org/0000-0002-1488-0534>

MARANGONI, Marli Cristina Tasca

marli.ctasca@gmail.com

SMED-BG - Secretaria de Educação de Bento Gonçalves

<https://orcid.org/0000-0002-2581-5404>

RESUMO Somos seres terrestres, mas, por desejarmos o ar, criamos o avião, a asa delta, o balão... Outra forma de voo são os passeios guiados pelas palavras alheias, rastros de pensamentos que geram vivências singulares em quem as lê, sobretudo quando se trata da poesia. Assim, este artigo seleciona poemas que discorrem sobre o voo, predominantemente, dirigidos às crianças, com base em Barthes (1974), Neitzel e Ramos (2022) e Bachelard (1998) e com orientação metodológica que intenciona seguir pistas acerca de lições de voo poético e de seus aprendizes, em um movimento livre que busca escrever nossa leitura. Com isso, almejamos contribuir para uma proposta de educação literária que, pela ação docente, impulse estudantes, aprendizes do ar, a exercícios de voo poético.

Palavras-chave: Poesia infantil. Literatura infantil. Mediação de leitura poética. Texto escrevível.

ABSTRACT We are terrestrial beings, but, because we desire the air, we created the plane, the hang glider, the balloon... Another form of flight are tours guided by words from others, and trails of thoughts that generate unique experiences in those who read them, especially when it is related to poetry. Thus, this article selects poems that discuss flight, mainly those aimed at children. The research is based on Barthes (1974), Neitzel and Ramos (2022), and Bachelard (1998), and it has a methodological orientation that aims to follow clues about poetic flight lessons and their learners, in a free movement that seeks to write our reading. Thereby, we aim to contribute to a literary education proposal that, through teaching action, encourages students, air apprentices, to poetic flight exercises.

Keywords: Children's poetry. Children's literature. Poetic reading mediation. Literature writing.

RESUMEN Somos seres terrestres, pero al desear el aire, creamos el avión, el ala delta, el globo... Otra forma de vuelo son los paseos guiados por las palabras ajenas,

rastros de pensamentos que generan vivencias singulares en quienes las leen, especialmente cuando se trata de poesía. Así, este artículo selecciona poemas que tratan sobre el vuelo, predominantemente dirigidos a los niños. Basándonos en Barthes (1974), Neitzel y Ramos (2022) y Bachelard (1998), y con una orientación metodológica que busca seguir pistas sobre lecciones de vuelo poético y sus aprendices, en un movimiento libre que busca escribir nuestra lectura. Con esto, aspiramos a contribuir a una propuesta de educación literaria que, a través de la acción docente, impulse a los estudiantes, aprendices del aire, a ejercicios de vuelo poético.

Palabras clave: Poesía infantil. Literatura infantil. Mediación de lectura poética. Texto escribible.

1 PREPARANDO O VOO

Poesia é voar fora da asa
(Manoel de Barros)

Somos seres terrestres, vivemos na terra, mas sempre desejamos o ar. Foi assim que criamos o avião, a asa delta, o balão... E o que mais? O desejo de voar e a implementação do voo nos ronda. Voar dentro do avião tem relação com a necessidade de deslocamento rápido, não nos permite sentir a brisa no rosto. Nem todos temos a coragem de voar colocando nosso corpo (pesado) no ar. Afinal, conhecemos a lei da gravidade.

Outra forma de voo é o passeio guiado pelas palavras dos outros, palavras que são rastros de pensamentos. E a poesia - palavra que se dá pela condensação da linguagem e pela inventividade - é uma das trilhas em que podemos ingressar para voar. Com Manoel de Barros (2011), entendemos que a poesia nos possibilita voar para além do previsível, dos horizontes costumeiros, do olhar habitual. Fora da asa, é voo descabido, desmedido, desconhecido... é voo poético!

Já tratamos de poesia como um espaço de morada em que as infâncias podem exercitar o brincar, por vezes, com lentidão. A poesia propicia a contemplação e a experimentação linguística, configurando-se como um espaço acolhedor no qual leitores crianças, pela experimentação da linguagem constitutiva da poesia, podem compor uma casa imaginária para existir. Importa instrumentalizar o leitor para “dispor de ferramentas plurais, necessárias ao protagonismo na realização da proposta desenhada pelas propriedades de cada texto.” (Marangoni; Ramos, 2020, p. 2). A investigação citada trata a poesia como casa que acolhe as crianças. Neste momento,

rompemos com a *seguridade* conferida pela terra, pela casa (que nos abriga), e deslocamo-nos ao ar e a ações que podem ser vividas no espaço aéreo.

O presente estudo elege, dentre os textos poéticos, alguns daqueles que discorrem sobre o voo, seja pela presença do pássaro ou de outros seres alados, seja pelos efeitos do voo. O artigo é organizado em duas partes. Na primeira, entram em cena seres alados e as lições que emergem dos seus voos poéticos. Na segunda parte, focalizamos aprendizes do ar que protagonizam outras possibilidades de movimentação para explorar a amplidão celeste. Entre lições, aprendizes e exercícios de voo, nossos olhares vão riscar os céus da poesia, com apoio, principalmente, de Barthes (1974), Neitzel e Ramos (2022) e Bachelard (1998). Com esse movimento, buscamos caminhos para uma proposta de educação literária, que pode ser implementada em práticas educativas dedicadas a impulsionar voos no âmbito da linguagem.

2 LIÇÕES DE VOO: SERES ALADOS E SEUS DESLOCAMENTOS

Os céus tendem a guardar surpresas e mistérios intangíveis, pois dispõem-se acima e distantes de nós. Para eles, nossos olhares se voltam curiosos, desde os tempos mais antigos, quando os homens lhes conferiram certa legibilidade, decifrando seus elementos e sinais, para decidir a hora da colheita, a hora de buscar outro espaço para viver, a hora de parar, seguir ou alterar o rumo do deslocamento.

Acontece que, para Barthes, o texto literário é comparável a um céu, ao mesmo tempo plano e profundo, sem margens nem pontos de ancoragem. Com a provocação de Barthes, queremos explorar o céu dos textos literários, aqui entendidos como objetos plurais que se tornam *escrivíveis* com a atuação do leitor, visto que “[...] quanto mais o texto é plural menos se escreve antes de eu o ler” (Barthes, 1974, p.16). Ao traçar arbitrariamente *zonas de leitura* nos textos, delineamos a pluralidade e a liberdade que envolvem o ler e aproximamo-nos desse céu textual, conferindo-lhe legibilidade, traçando nele constelações de sentidos não previstos.

Para iniciar nossas lições, reconhecemos que, se nós, leitores, podemos nos alçar aos céus do texto e inventar modos de percorrê-los, os seres que aos céus pertencem também podem estar mais próximos e até pousar ao alcance das nossas

mãos ou do nosso olhar. Borboletas, no entanto, voam perto de nós. Pousam na nossa frente e podemos observá-las. No poema “As borboletas”, de Vinicius de Moraes (2004, p. 41), o eu poético nos convida a olhar de perto. Escutar o poema e fechar os olhos é uma possibilidade de viver a cena.

Branças
Azuis
Amarelas
E pretas
Brincam
Na luz
As belas
Borboletas.

Borboletas brancas
São alegres e francas.

Borboletas azuis
Gostam muito de luz.

As amarelinhas
São tão bonitinhas!

E as pretas, então...
Oh, que escuridão!

O poema silencia quanto ao cenário. Nada existe além das borboletas e dos seus movimentos à luz. Com base no título, ao entrarmos em contato com os versos, vendo as cores, vemos as borboletas e somos tomados por uma profusão de movimentos. Pela caracterização invocada, cada borboleta suscita uma surpresa e, ao final, vemos a própria escuridão *borboletear* na luz, em um encontro antagônico próprio da natureza poética. E é isso que o poema nos oferece. Somos chamados a ver cores voando. Seu voo é breve (potente), silencioso (permeado de vazios) e colorido (preenchido pelas surpresas), assim como poderia ser um percurso de acolhimento para presentear um leitor que está enveredando para o universo poético. Para além da diversidade e da leveza que as cores aladas traduzem, as borboletas *brincam* na luz. O brincar anuncia movimento gratuito, sem finalidade prática, com a presença daquele que brinca, no caso, o leitor. Nesse ponto, a atuação das borboletas imita o modo de interação das crianças: assim como a luz seduz as borboletas para a brincadeira descontraída e leve, o poema chama a criança ao exercício lúdico.

Além da luz, as flores que estão ao nosso redor trazem borboletas. Mas nem só borboletas as flores trazem. Elas atraem outros insetos e também capturam os

humanos que paralisam para contemplá-las. O voo muito acelerado pode estar ao nosso redor juntamente com flores e borboletas. No poema, “Mistério de amor”, de José Paulo Paes (1997, p. 12-13), as borboletas se afastam, uma flor se mantém e encontramos-nos agora com o beija-flor:

É o beija-flor
que beija a flor

ou é a flor
que beija o beija-flor?

Em páginas duplas, acompanhado de ilustração em aquarela (o pássaro em voo diante da flor e depois o mesmo pássaro pousado no ramo da flor), cada dístico repousa em uma das páginas. Nessa moldura, o poema nos convida a viver outro voo, diverso daquele mostrado no texto anterior, protagonizado pelas borboletas. Ler e viver o poema podem inaugurar a nossa percepção acerca do que a natureza nos dá. Nesse caso, o trocadilho verbal mimetiza o movimento acelerado do beija-flor. O beija-flor bate as asas velozmente, e tamanha é a velocidade que parece parado no ar. Juntos estão o belo e a incerteza. O belo posto pelo espetáculo de acompanhar - à distância - a chegada, o pouso e a partida do beija-flor. E a incerteza, inerente ao estado poético - quem beija quem? quem se aproxima de quem? E o humano contempla e vive esse espetáculo traduzido em palavras por Paes.

O poema lido nos oferece uma imagem poética, na visão bachelardiana: “A imagem poética ilumina com tal luz a consciência que é vão procurar-lhe antecedentes inconscientes.” (Bachelard, 1988, p. 3). Aqui, a visão do beijo que acontece entre a flor e o beija-flor traduz-se no espanto diante do *mistério de amor*: reciprocidade, espelhamento, fusão, confusão, mistério... Afinal, quem beija e quem é beijado? O momento breve de suspensão no ar em que a ave e a flor se encontram é fixado nos versos, que iluminam o acontecimento, promovendo um *nascimento*: algo sobre o amor e seus mistérios é posto entre a flor e o beija-flor. Algo, mas *algo* é um vocábulo cujo sentido se dá no contexto posto no texto e acordado pelo leitor.

Nos versos a seguir, um passarinho *tira proveito* da visão privilegiada que lhe faculta o voo pelas alturas. Se, nos poemas anteriores, tínhamos o deslumbramento, a sensibilidade, a surpresa do mistério, aqui temos uma lição de voo cujo efeito é o

humor e o riso, mobilizando o interlocutor de outra maneira. Vejamos “O que disse o passarinho”, de José Paulo Paes (1998, p. 2):

Um passarinho me contou
que o elefante brigou
com a formiga só porque
enquanto dançava (segundo ele)
ela pisou no pé dele!

Um passarinho me contou
que o jacaré se engasgou
e teve de cuspi-lo inteirinho
quando tentou engolir,
imaginem só, um porco-espinho!

Um passarinho me contou
que o namorado do tatu é a tartaruga
deu um casamento de fazer dó:
cada qual ficou morando em sua casca
em vez de morarem numa casca só.

Um passarinho me contou
que a ostra é muito fechada,
que a cobra é muito enrolada,
que a arara é uma cabeça oca,
e que o leão-marinho e a foca...

Xô xô, passarinho chega de fofoca!

Ora, como é que o passarinho sabe tanto dos outros? O voo tende a ser representado como exercício de liberdade e visão privilegiada, mas essa relação não está explícita nos versos: há que ser construída pelo leitor, em movimento de inferência. Por voar, o passarinho acessa diferentes espaços e descobre detalhes da vida alheia. Ao sobrevoar, percebe eventos simultâneos, envolvendo animais diversos. E, por cantar, é capaz de comunicar o que vê: faz fofoca esse passarinho.

Sem abrir mão do cuidado com a forma e usando a rima a seu favor, o poema joga com as palavras. Tal proposta pode mobilizar conhecimentos prévios do leitor na construção da brincadeira e de sentidos para além dos habituais – o passarinho conta o quê, quando canta? A ostra é fechada e, por isso, é introspectiva?; a cobra é confusa/ enrolada e tem dificuldade para deslindar seus problemas?; a arara só repete o que dizem, por isso é cabeça oca?; e ainda deixa perguntas em aberto, de modo a provocar a imaginação: qual será a *treta*/a confusão entre o leão marinho e a foca?

Enfim, os versos exploram o ilógico, a ambiguidade e os sentidos conotativos que conferem dubiedade à fofoca: assim como na vida, os boatos que espreitam por



A disposição diferenciada das palavras e letras na página mimetiza a atuação do pássaro no espaço: antes, horizontalmente, o pássaro “cantava para lá/ voava para cá”; depois, a partir do estampido que sugere o projétil, dá-se a inversão da posição e, por consequência, do sentido, pela linha descendente que o pássaro em queda delinea; e, por fim, verticalmente, de cima para baixo, desenha-se no ar o risco surdo do pássaro, de norte a sul, até tombar no chão da página. “Risco surdo” impõe-se como expressão com adjetivação inesperada e toma de assalto o leitor. Se antes os verbos de ação tinham no pássaro o sujeito (“cantava” e “voava”), após o tiro, o poema se organiza sem a presença de ações verbais; o pássaro deixa de agir e as palavras passam a revelar a cena estática.

A organização do texto, ao subverter a linearidade costumeira da palavra escrita, indica o movimento e a direção do pássaro no espaço. Repentinamente, a mudança chega, trazida por um estampido: a inversão do sentido do deslocamento da ave substitui o canto pelo risco surdo; o movimento do voo pela matéria inerte (penas fofas/ leves plumas/ mole espuma); a horizontalidade do voo pela verticalidade da queda. O título “Pássaro em vertical” contribui para dar sentido de perplexidade ao leitor ante o novo movimento da ave, colocando em cena a inversão que contraria a ordem natural da vida. E o que foi feito para estar no alto, cai ao chão, quando a morte do pássaro delinea um traçado que se aproxima a um réquiem: esquerda-direita/ norte-sul. Trata-se de um modo peculiar de falar da morte que, no tiro seco, altera a direção e a duração da existência.

A observação de voos e voadores traz-nos algumas lições poéticas... Para Ramos (2010, p. 48),

[...] a poesia inova, inaugura um modo de ver e de dizer que talvez ainda não conheçamos. O poeta escolhe as palavras e o modo de dizê-las, buscando algo original, que surpreenda o leitor. Se o texto repete algo já bem conhecido e o diz de um modo corriqueiro, não é poesia. Poesia é nova. Na poesia, está em jogo o imaginário, não a racionalidade, e, no terreno do imaginário, os limites são mais amplos.

Mobilizando nosso imaginário, aventuramo-nos pelos céus dos poemas eleitos, traçando leituras possíveis por entre as inovações que abrigam o poético. Dentre as lições que emergiram desses voos pelos céus dos versos, percebemos silêncios intencionais, ambiguidade, apelo ao ilogismo e ao humor, bem como o convite para o

olhar sensível e para o espanto que moram no mundo e em nós. Segundo Neitzel e Ramos (2022),

[...] a obra literária é pululante, material aberto às intervenções do leitor produtivo e curioso, que oportuniza que se pare a leitura, retroceda, avance, busque sentidos para aquele emaranhado que mais sugere do que constata, inserindo tudo e todos em um eterno movimento pivotante, conceito que explora a obra literária como estrutura móvel, viva, em constante mutação.

Os poemas trazidos neste bloco estão vivos, como argumentam as autoras. Poemas são seres vivos! E seres vivos vivem em relação. Cada encontro efetivo entre os poemas e os leitores gera uma construção singular. Aqui, nesse movimento pivotante, nosso percurso de leitura foi a proposta de voo intrínseca a cada texto. Nossos olhares, agora, perscrutam outros voos, buscando seres que se dispõem ao aprendizado do ar. Outros voos nos aguardam...

3 APRENDIZES DO AR: OUTROS VOOS

O aprendizado do voo requer experiência de chão: palmilhar a superfície, na segurança do solo, é movimento que antecede o risco e a coragem de entregar-se às alturas. Nos versos lidos até aqui, presenciamos alguns voos e deles depreendemos lições. Vamos agora atentar para seres que, construídos por mãos humanas, arriscaram apreender o voo, recriando a seu modo a natureza alada. Ao ler o texto poético, também importa abandonar a segurança do território conhecido para buscar outras possibilidades de ver e habitar o mundo. Fica, então, em cada verso, o convite para perscrutar os céus do texto e, como aprendizes que somos, inaugurar o poético.

De autoria de Maria Valéria, o haikai que se lê a seguir integra as *Conversas de passarinhos*, obra de Alice Ruiz e Maria Valéria Rezende (2008, p. 51), que traz olhares sobre o mundo alado dos pássaros, *fotografando* com palavras momentos de ave. O poema aproxima pássaros e pipas, pois ambos possuem asas e habitam o céu. Além disso, associam as cores e a beleza à amplidão, à ascensão e à liberdade.

pipas no céu
entre pássaros de penas
asas de papel
(MV)

O verso central, mais longo, é *abraçado* pelo primeiro e pelo terceiro versos, curtos e combinados pela rima toante *céu-papel*. Ao referirem-se às pipas, relacionam-se quanto ao conteúdo. Assim como entre esses versos situa-se o central, que fala dos pássaros, entre esses pássaros de penas é que voam as pipas com suas asas de papel.

Embora pertencentes a diferentes classes de seres e feitos de matérias distintas, por intermédio da imagem poética, pássaros e pipas convergem, compartilhando atributos - são dotados de asas, com as quais voam no espaço celeste. Pássaros têm penas (mundo natural); pipas são de papel (criação humana). Pela imagem poética, as pipas se tornam pássaros de papel, sem deixar de serem pipas. Conforme afirma Paz (1998, p. 112), o poema não só proclama a coexistência dinâmica e necessária dos contrários, mas também sua identidade final.

O som /s/ comparece em várias das palavras significativas do poema (pipas/ céu/ pássaros/ penas/ asas). O sibilar da consoante sugere o silvo do vento que passa por entre as asas que voam. A última palavra do haicai não apresenta o som e sugere o retorno do leitor ao pé da página de papel, para iniciar novos voos poéticos. Sobre as asas de imaginação, o devaneio poético possibilita ao leitor a vivência do voo das aves, junto às pipas. O que seriam os pássaros? O que seriam as pipas? Como nós, leitores, construímos o campo semântico para o haicai? No poema, um elemento natural e um objeto cultural interagem no mesmo céu onde o leitor se inscreve. Nesses versos, a engenhosidade humana imita a matéria natural, ao inventar um modo de asas. Pipa é brinquedo e, como tal, destituído de serventia, construída e manipulada nos ares pelo mero prazer de inaugurar voos. Pelo brincar, o humano apreende o pássaro, o voo, a natureza...

Voo é acesso à amplidão e favorece à visão privilegiada do espaço; voo também é arriscar-se, é o vazio do ar, implica abandonar a segurança do *pé no chão*. Por isso, ao associar-se ao poético, o voo tende a ensejar exercícios de devaneio imaginativo, por abrigar o abandono da realidade e possibilitar a *cabeça entre as nuvens*, ou, na visão bartheana, o ler levantando a cabeça do texto (2004, p. 26). Muitas são as formas de levantar a cabeça e, agora, elegemos uma que eleva todo nosso corpo. Com o poema “Voar de balão”, de Roseana Murray (2022, p. 18),

exercitamos uma forma de decolar do chão e de nós mesmas. Pelo título, colocamos diante de um modo de voo com certa proteção:

É atividade das mais agradáveis
voar de balão,
numa cesta toda enfeitada
com flores variadas.
Imagino uma estação
em cada bairro
e seus letreiros
num alfabeto mágico.
Todos os trajetos nos levariam para a casa
dos amigos preferidos,
onde há sempre um cheiro
de bolo saindo do forno.
Lá de cima as casas seriam
como presépios de luz
e só ouviríamos
a música dos astros
e dos ventos.
Convém estar preparado
para tão maravilhoso evento:
aqui dentro do poema
a inauguração
da primeira estação
de balões.

Metaforicamente, o que pode significar voar de balão? Flutuar pelo espaço e ver a vida de cima, acessando perspectivas que transfiguram o que se vê e o que se ouve corriqueiramente: as casas são presépios; a música é aquela que tocam o vento e os astros; os destinos são certos e acolhedores, como a casa dos bons amigos. Vemos a distância, mas ao vermos, contemplamos! Aqui, o voar não se faz por meio de asas. O balão traduz a leveza de um voo de passeio, ao sabor dos desejos e que permite admirar a paisagem e regular calmamente a direção e a velocidade, distante da pressa de chegar. O destino é o lugar mais seguro, e tudo remete à suavidade, ao abrigo, a sensações agradáveis e benfazejas que povoam a nossa memória: os cheiros, as cores, os sons... A aventura alia a segurança à liberdade para ver e viver o mundo de outro modo. O evento acontece dentro do poema, que inaugura a estação de balões: período propício à atividade do voo. Pelo poema, nos perguntamos: quando eu voo de balão? Se eu voar de balão, como verei minha vida? Como verei o mundo? Ora, se o poema inaugura a primeira estação de balões, autoriza o leitor, nesse movimento, a seguir passeio por outras estações, outros espaços e tempos abertos ao sobrevoo. A literatura propicia esses e outros tantos voos.



Em “Vôo” (sic), Cecília Meireles (2001, p.1951-1952) nos oportuniza aprender algo dos tais outros voos. Aqui, não há borboletas, pipas, aves ou balões: são as palavras, as nossas e as de outros, os seres alados!

Alheias e nossas
as palavras voam.
Bando de borboletas multicolores,
as palavras voam.
Bando azul de andorinhas,
bandos de gaivotas brancas,
as palavras voam.
Voam as palavras
como águias imensas.
Como escuros morcegos
Como negros abutres,
as palavras voam.
Oh! alto e baixo
em círculos e retas
acima de nós, em redor de nós
as palavras voam.
E às vezes pousam.

Estamos rodeados de palavras... Palavras que nos informam, nos trazem lembranças, nos acalmam ou inquietam... Contudo, o uso que se faz das palavras não é aleatório ou neutro, mas norteado por intencionalidades, pois busca provocar uma reação, seja ela concordar, comprar, aderir ou sensibilizar-se, entre outras. Assim, como seres alados de espécies variadas, as palavras protagonizam voos de diferentes efeitos.

Palavras são andorinhas, gaivotas... Como alçam voo? E quem nunca se deparou com palavras-borboletas? Tão leves, tão delicadas... E palavras-abutres? Sombrias, fúnebres, interesseiras... O poema que lemos constrói para as palavras imagens que nos remetem a sentimentos como leveza, tristeza, angústia... Essas palavras aladas, alheias e nossas, estão no nosso cotidiano e permeiam as nossas relações. Levantando a cabeça do texto, como nos orienta Barthes, pensamos: que palavras compõem o revoar de borboletas multicores, o bando de andorinhas ou de gaivotas? O que distingue uma palavra andorinha e uma palavra gaivota? A bordo e no entorno dessas palavras, transitamos pela experiência humana. E quando a linguagem alça seus mais potentes voos, pela palavra literária, abre espaços para o movimento, o impermanente, a surpresa, o colorido e a liberdade que buscamos na nossa relação com o mundo. Ao pautar a proposta de educação literária no

movimento do leitor pelos céus do texto poético, as práticas de linguagem podem impulsionar estudantes, aprendizes do ar, a exercícios de voo e, desse modo, qualificar seus modos de estar e agir no mundo.

Ao conjugar sentidos à oralidade, à imaginação, à investigação e à visualidade, os céus da poesia tendem a ser povoados pela natureza contemplativa da leitura poética. Trata-se, como afirmam Neitzel e Ramos (2022), de “[...] uma contemplação ativa e dinâmica, viva, movida pela reflexão sobre o objeto apreciado, resultado da interação do sujeito com a obra, de sua disposição em fruir seus elementos. Assim, para esse movimento, razão e sensibilidade necessitam ser mobilizadas”.

Por isso, alheias e nossas, as palavras voam, mas retornam para nós e fazem-nos suas casas. Ao nos habitar, nos colorem, nos silenciam, nos provocam, mas também nos fazem falar... Marangoni e Ramos (2017, p. 344) sustentam que, “[...] ao investir na leitura da poesia, fica-se mais perto de garantir um espaço onde a infância possa brincar com as palavras e suas possibilidades, e de viabilizar que o ser em formação possa encontrar na escrita o poético que lê em seu mundo e em sua vida”. Às voltas nos céus da poesia, o leitor se faz, ao mesmo tempo, aprendiz de voo e espaço vivo de pouso.

4 UM POUSO (PROVISÓRIO)

O que fica em nós desses voos poéticos? Não sabemos ao (in)certo. Mas apoiamo-nos nos versos de Afonso Cruz: “As sombras dos pássaros / são animais terrestres” (s/d. p. 6). Pegadas de poesia pousam no leitor ou ouvinte e passam também a habitá-lo. Somos aprendizes do ser ao ler poesia e, ora nos apegamos ao voo, ora às sombras. A sombra desenha no chão o movimento que se desenha nos céus, transforma o alado em rastejante, espelhando-o e aproximando-o de nós, que caminhamos sobre a terra. Voos e sombras se movem e nós também nos movemos. Nesse movimento, vamos nos fazendo pela palavra enigmática, pela explosão de sentido presente em cada imagem poética.

Alguns recursos que impulsionam nosso voo através dos céu da poesia foram brevemente explorados aqui: a omissão do referente (que aparece somente após a enumeração das cores, no poema de Vinicius de Moraes, “As borboletas”); a

incerteza, a tensão entre duas possibilidades, no poema “Mistério de amor”, de José Paulo Paes; o ilogismo, que gera - no caso do poema “O que disse o passarinho”, do mesmo autor -, o humor proveniente do diz-que-diz-que, ao recuperar o que não se sabe se/ como aconteceu; o aproveitamento da espacialidade para indicar movimento, direção e mudança, em “Pássaro em vertical”; a metáfora, que coloca no mesmo céu os pássaros de penas e as asas de papel, nos versos de Maria Valéria Resende; o devaneio imaginativo do voo de balão, no poema “Voar de balão”, de Roseana Murray; o ato metafórico de palavrear, que transforma as palavras em seres alados, nos versos de “Vôo” (Cecília Meireles).

Para apoiar nosso pouso, convidamos Quintana (2005, p.78) que, nos versos de “Exegese”, nos provoca a refletir sobre o que pode significar um poema.

Mas o que quer dizer este poema? - perguntou-me alarmada a boa senhora.
E o que quer dizer uma nuvem? - respondi triunfante.
Uma nuvem - disse ela - umas vezes quer dizer chuva, outras vezes bom tempo...

Ao invés de oferecer uma resposta direta para explicar o que significa o poema, o sujeito poético formula um questionamento, e, desse modo, incita o interlocutor a pensar o poético, a poesia, como um exercício interpretativo aberto e exigente. Afinal, o que quer dizer um poema? Como uma nuvem, um poema pode significar chuva ou bom tempo; pode ainda significar tantas possibilidades quantas nossos sentidos perceberem nos seus contornos imprecisos.

Neste estudo, não dialogamos com leitores para ver como interagem com poemas que, para nós, relacionam-se ao voo. É uma possibilidade de investigação que fica à espera. Aqui, acercamo-nos dos poemas como estrutura pivotante, em movimento e realizamos um exercício de cruzamento, de atravessamento. Por vezes, não atravessamos, apenas tocamos de leve os textos. Cada poema foi apreciado, não para fins de análise, mas como um percurso de leitura em céu. Buscamos, outrossim, tornar escrevível nossa leitura, até porque um devaneio, como alerta Bachelard, se escreve. Esboçar a escrita da leitura literária foi, pois, um propósito deste artigo.

Traçando percursos possíveis nos céus poéticos, deixamos rastros dos voos, pegadas ao chão dessas páginas, algumas sombras dos movimentos no ar. A todos nós que queremos voar e não temos asas, as palavras nos facultam exercícios de voo. Uma forma de “voar fora da asa”, como diz Manoel de Barros na epígrafe inicial,

de sair de si, de exercitar o voo para além do previsível, são as palavras poéticas... Alheias e nossas, tais palavras fluem em diferentes direções e fazem do poema um céu para ser animado pelo leitor em seus voos. Fica a provocação para que as sombras desses voos possam delinear no chão do cotidiano percursos de exploração da palavra poética nas práticas educativas, inspirando-nos a outros voos.

FLÁVIA BROCCETTO RAMOS

Pesquisadora CNPq. Doutora em Letras pela PUCRS. Graduada em Letras e em Biblioteconomia pela UCS. Atua na UCS-RS, nos programas de Pós-graduação em Educação e em Letras e nos cursos de graduação em Biblioteconomia, Pedagogia e Letras. Coordenadora Curso de Especialização em Literatura Infantil e Juvenil (EAD). Líder do grupo de pesquisa Observatório de leitura e de literatura – OLLI.

CRISTINA TASCA MARANGONI

Doutora em Letras, Mestra em Letras e Cultura Regional e com estágio pós-doutoral em Educação, pela Universidade de Caxias do Sul. É professora da rede municipal de ensino de Bento Gonçalves, com atuação no assessoramento pedagógico. Tem experiência no ensino de graduação e pós-graduação. Desenvolve trabalhos e estudos principalmente nos seguintes temas: Leitura, Literatura, Poesia e mediação.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BARROS, M. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2011.
- BARTHES, R. *S/Z*. Paris: Balckwell, 1974.
- BARTHES, R. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CRUZ, A. *Os pássaros (dos poemas voam mais alto)*. Lisboa: APCC, s/d.
- MARANGONI, M. C.T.; RAMOS, F. B. Um estatuto para a poesia infantil contemporânea: reflexões a partir do PNBE. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, (50); p. 330–350; 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/nKZDL7wcQd9dHmZc7ZPzg9K/?format=pdf>
- MARANGONI, M.C.T.; RAMOS, F. B. Poesia: uma casa para as infâncias. *Signo*, v. 45, n. 83, p. 37-48, 5 maio 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/14742>
- MEIRELES, C. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MORAES, V. *A arca de Noé*. II. Nelson Cruz. Companhia das Letrinhas: São Paulo, 2004.

MURRAY, R. *Dançam por que não podem voar*. II. Simone Matias. Ed. ELO: São Paulo, 2022.

NEITZEL, A.; RAMOS, F. A leitura do literário como experiência estética e artística. In: *Estéticas dissidentes e educação* / Organizadores Mário de Faria Carvalho, Daniela Nery Bracchi, André Luiz dos S. Paiva. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Disponível em:
https://www.pimentacultural.com/_files/ugd/6f8845_892bc172b41c460cb9615533c59d81d1.pdf Acesso em 23 set. 2023.

NEVES, L. Pássaro em vertical. In. AGUIAR, Vera Teixeira de (coord.). *Poesia fora da estante*. II. Laura Castilhos. Porto Alegre: Projeto, 1995)

PAES, J. P. *Olha o bicho*. II. Rubens Matuck. 7. ed. São Paulo: Ática, 1997.

PAES, J. P. *Um passarinho me contou*. Kiko Farkas. 5ª ed. São Paulo. Ática, 1998.

PAZ, O. *El arco y la lira*. 3. ed.; 12ª reimpressão. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

QUINTANA, M. *Sapato florido*. São Paulo: Globo, 2005.

RAMOS, F. B. *Literatura Infantil: de ponto a ponto*. Curitiba: CRV, 2010.

RUIZ S., A.; REZENDE, M. V. *Conversa de passarinhos: haikais*; Ilustrações de Fê. São Paulo: Iluminuras, 2008.

Recebido em: 17/06/2024

Aceito em: 21/08/2024